

UNIFEOB  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO  
OCTÁVIO BASTOS

**PEDAGOGIA ONLINE**

**PROJETO INTEGRADO**  
**Educação e Sociedade – Aprendendo a Aprender**

SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP  
SETEMBRO, 2023



UNIFEOB  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO  
OCTÁVIO BASTOS

**PEDAGOGIA ONLINE**

**PROJETO INTEGRADO**  
**Educação e Sociedade – Aprendendo a Aprender**

**Estudantes:**

Ana Luiza De Campos Moreira, RA 1012022101323

Adriana Neves de Souza, RA 1012023100314

SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP

SETEMBRO, 2023

SUMÁRIO



1	INTRODUÇÃO	4
2	OBJETIVOS	5
3	DESENVOLVIMENTO DO PROJETO	6
4	CONCLUSÃO	11
	REFERÊNCIAS	12
	ANEXOS	

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o seguinte tema: Rendimento escolar, desafios enfrentados pela comunidade escolar e contribuição dos pais quanto ao desempenho dos filhos, com o intuito de pesquisar as relações entre pais e filhos e comunidade escolar diante dos rendimentos não satisfatórios dos alunos nos quesitos ensino aprendizagem.

A preocupação por parte da comunidade escolar surgiu da observação da Diretora escolar, de uma determinada escola pública que estava analisando as informações dos resultados das aprendizagens da turma do segundo ano do Ensino Fundamental, anos iniciais, e constatou um nível desfavorável na apreensão das habilidades e dos objetos do conhecimento e identificou um insatisfatório crescimento no desenvolvimento da aprendizagem. A professora da turma, observou que por falta de participação dos pais nas atividades escolares, os alunos não estavam sendo respaldados em casa, acredita-se que por esse motivo os alunos estavam sendo prejudicados no desenvolvimento das suas habilidades de aprendizagem.

Surgiram muitas perguntas por parte da comunidade escolar para reverter essa situação. Diante disso, a comunidade escolar estabeleceu algumas estratégias de aproximação dos responsáveis, alunos e comunidade escolar com embasamento teórico necessário para aprofundamento do tema para resolução da situação observada.

Veremos o que alguns pensadores entendem sobre a situação mencionada e quais os posicionamentos perante a instituição de ensino, o baixo rendimento das crianças e a falta de parceria dos pais.

Segundo Vigotsky (2007, p.56) afirma, o ponto de partida dessa discussão é o fato de que o aprendizado das crianças começa muito antes delas frequentarem a escola.

A família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. Assim sendo é preciso que pais, professores e direção da escola criem canais de diálogo. Cada um deve fazer sua parte para atingir o caminho do sucesso escolar, que visa conduzir crianças e jovens a um futuro melhor. Todavia, a família tem sido, é e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas (GOKHALE, 1980).

Por meio das atividades realizadas em casa e pelo ensino ofertado em sala de aula os alunos refletem e constroem seus conhecimentos. É uma parceria, uma cooperação mútua, família e escola, pois a responsabilidade na contribuição do desempenho escolar da criança não é dever apenas de um ou de outro, mas das duas partes.

## **2 OBJETIVOS**

O principal objetivo deste trabalho foi avaliar como o desempenho escolar dos alunos é um fator de extrema importância, e qual a função da escola e da família no desenvolvimento da criança, e como a rotina e a primeira infância são fundamentais, e como isso pode impactar cada aluno. Além da importância do ECA, e como pode assegurar para cada criança uma vida digna através das leis.

### 3 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

#### Um pouco sobre a História da Educação

Em primeiro lugar vamos pensar na descoberta do Brasil, no século XVI, a nossa cultura local foi totalmente modificada.

Na época do descobrimento do nosso país, uma das características da educação, por todo o período colonial, foi a existência de uma cultura totalmente voltada para os costumes europeus. Práticas religiosas, culturais, sociais e políticas foram aqui implantadas, destruindo quase todas as particularidades da nova nação. Dessa forma, desde o século XIX, durante muito tempo, paradigmas estrangeiros, com suas concepções elitizadas, europeizadas, compuseram os traços da nossa história cultural. Cada vez mais afirmavam-se concepções consumistas, elitistas, coronelistas, traçando um novo perfil do povo brasileiro, de sua cultura, de seus ideais.

A partir da segunda metade do século XX, as classes sociais foram delineando suas características, deixando transparecer seu perfil elitizado: formação de uma classe rica, proprietária, dominante, em contraposição a uma classe pobre, não proprietária, dominada, e conseqüentemente, todas as injunções dessa gritante desigualdade social, ou seja, lugares e não lugares, previamente definidos na sociedade.

O período da ditadura marcou profundamente a cultura brasileira. Foi um marco, pois, naquele momento pôde-se perceber que existia no país uma população bem informada, jovens com grande poder de reflexão, que contestavam e lutavam por seus direitos. Foi neste momento que também se percebeu que, se a educação estava dificultando a sedimentação de um governo autoritário, estava na hora de cerceá-la até a raiz, para se evitar dissabores para esse mesmo governo. Procedeu-se então a exílios, prisões e assassinatos sumários. A escola transformou-se e a estrutura política e econômica passou a ditar as regras sociais e culturais tornando a cultura nacional reprimida.

A década de 1990, livre do cárcere da ditadura, enveredou pela ideia do “é proibido proibir”. Os anos de imobilidade, de falta de oportunidades de condução da própria vida levaram-nos a perceber que já havíamos sofrido muito com tantos não. As crianças da nova década tinham o direito de viver a era do “sim”. A avidez pela liberdade tornou-nos uma sociedade sem limites. Sem limites para tudo. Tudo é permitido, pois o homem é livre. E o resultado foi uma geração de crianças que, hoje lotam os órgãos correccionais institucionais.

O século XXI encontrou uma sociedade robotizada, consumista, fria, pouco solidária, que, cada vez mais desigual, provoca conflitos sociais quase insolúveis, sofrendo com a falta de ética, sem moral, trilhando um caminho que não se sabe aonde chegará. A escola, por sua vez, embarçou-se também nesse emaranhado de concepções políticas, econômicas, sociais

e entrou pelo século XXI, também sem rumo. A rapidez com que as transformações ocorrem, com que as leis são criadas para satisfazerem necessidades prementes e rápidas, fez dela, um órgão sem muita importância para a formação do cidadão, bem como um órgão institucional de sedimentação da ideia dominante.

O estatuto da Criança e do Adolescente - Documento de muita importância

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – criado pela Lei n. 8.069, de 13/07/1990, é o amparo legal à criança. Sua doutrina predominante é a da proteção integral, ou seja, o fornecimento de toda a assistência necessária ao pleno desenvolvimento da personalidade. Foi uma importante conquista para a sociedade brasileira.

Artigo 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III – pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais; V – valorização dos profissionais do ensino, garantidos, na forma da lei, planos de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos; VI – gestão democrática do ensino público, na forma da lei; VII – garantia de padrão de qualidade.

A escola e a família são mediadores na socialização da criança, sendo a família a primeira a propor o ambiente inicial em que a criança recebe seus primeiros cuidados, ensinamentos e direcionamentos para ingressar em uma vida em sociedade. A escola, tem a responsabilidade de incentivar e criar oportunidades para o aluno se desenvolver intelectualmente.

A família deve exercer o seu devido papel de proporcionar esse equilíbrio emocional na vida da criança, onde não lhe falte o amor, a segurança, a provisão de suas necessidades básicas, para que ela tenha uma vida estável. Através dessa interação entre pais e filhos, quando estão realizando as atividades de casa, percebemos a aproximação dos pais com os filhos, trazendo-lhes segurança e podendo contribuir para o desenvolvimento educacional das crianças.

Os pais devem estimular seus filhos pelo interesse em diversas áreas do conhecimento, influenciando-os quando estiverem realizando as atividades escolares.

Segundo Carraher, & Schliemann (1982), o insucesso escolar aparece como um fracasso da escola, fracasso este localizado: na impossibilidade de aferir a real capacidade da criança; no desconhecimento dos processos naturais que a levam a adquirir o conhecimento; e na incapacidade de estabelecer uma ponte entre o conhecimento prático do qual a criança, pelo menos em parte, já dispõe e os conhecimentos formalizados do currículo escolar.

Todo educador sabe que o apoio da família é determinante no desempenho escolar. Strick e Smith (2001), ressaltam que o ambiente doméstico exerce um importante papel para determinar se qualquer criança aprende bem ou mal. As crianças que recebem um incentivo carinhoso durante toda a vida tendem a ter atitudes positivas, tanto sobre a aprendizagem quanto sobre si mesmas. Essas crianças buscam e encontram modos de contornar as dificuldades, mesmo quando são bastante graves.

A família também é responsável pela aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros ensinantes e as atitudes destes frente às emergências de autoria, se repetidas constantemente, irão determinar a modalidade de aprendizagem dos filhos. (FERNANDES, 2001)

Pais que acompanham a lição de casa que não faltam às reuniões, cooperativos e atentos no desempenho escolar dos filhos na medida certa, esse é o desejo de qualquer professor. Segundo um estudo publicado no *Journal of Family Psychology*, da Associação Americana de Psicologia, as crianças que frequentam festas e reuniões familiares têm mais saúde, melhor desempenho escolar e maior estabilidade emocional (PARO, 1999).

Perez (2009), atribui a ausência da família na escola, ao tempo maluco em que vivemos. "Mudanças que antes ocorriam em 100 anos agora acontecem em dez e está muito difícil acompanhar as novas exigências sociais e culturais", diz. Hoje há uma confusão de papéis, cobranças para as duas instituições e novas atribuições profissionais, exigência do mercado de trabalho.

Portanto, é indispensável que a família esteja em harmonia com a instituição escolar, uma vez que, uma relação harmoniosa só pode enriquecer e facilitar o desempenho educacional das crianças.

A gestão da educação, entendida como tomada de decisão, organização, direção e participação, acontece em todos os âmbitos da escola. Ela se desenvolve fundamentalmente, na sala de aula, onde concretamente se objetiva o projeto político pedagógico não só como desenvolvimento do planejado, mas como fonte privilegiada de novos subsídios para novas tomadas de decisões (FERREIRA, 2008).

Roman e Steyer (2001), ressaltam que é importante o estabelecimento de uma rotina na escola. A rotina deve ser desenvolvida para possibilitar, a partir da organização externa, a segurança emocional e a organização interna de cada estudante. Desse modo, a rotina favorece e complementa o processo de socialização por meio da aprendizagem das regras de convívio em grupo, da formação de vínculos e da aquisição de conhecimentos em todos os âmbitos de desenvolvimento.

Por meio da rotina da escola é que são identificadas algumas das queixas comuns na primeira infância, as quais em geral são erroneamente confundidas, por desconhecimento, com diagnósticos como agressividade, hiperatividade e desatenção. Esses diagnósticos, quando analisados com o devido cuidado por meio de entrevista com os pais ou responsáveis pela criança, podem revelar dados importantíssimos e que demandam orientações da própria escola (ROMAN; STEYER, 2001).

Em concordância com os autores, sabe-se que, a rotina é uma organização consciente que a criança apreende desde o nascimento e que se inicia com o exemplo de ações ensinadas pelos pais, fazendo junto e cobrando suas repetições. O exercício da rotina deve ser iniciado por meio das práticas mais simples, tais como horários para dormir e acordar. Progressivamente, a criança é condicionada à disciplina e organização, até que tenha condições para selecionar a utilização do seu tempo, organizando, inclusive, uma rotina de estudos.

Vygotsky (1989), afirma que o auxílio prestado à criança em suas atividades de aprendizagem é válido, pois, aquilo que a criança faz hoje com o auxílio de um adulto ou de outra criança maior, amanhã estará realizando sozinha. Desta forma, o autor enfatiza o valor da interação e das relações sociais no processo de aprendizagem.

Ainda, para Vygotsky (1995), o homem está sempre criando formas de regular e organizar o seu comportamento. A escola e o professor podem auxiliar e ajudar a criança a criar mediadores que a auxiliem na aprendizagem. Por meio da apropriação do conhecimento científico, de acordo com Vigotsky (2000), a criança se desenvolve psicologicamente. O novo conteúdo apropriado, conforme propõe Saviani (2003), passa a fazer parte de sua natureza, torna-se parte da sua individualidade.

De acordo com Meira (1997), pode-se afirmar que a escola, em seu papel mediador, pode enriquecer o indivíduo e levá-lo à luta pela transformação das relações sociais por meio da apropriação das objetivações genéricas para si, embora possa não dar conta da superação total da alienação produzida pelo sistema. A Educação é uma das condições fundamentais para que o homem se constitua de fato como ser humano, humanizado e humanizador (MEIRA, 2000).

Segundo Lück (2005), em virtude das necessidades escolares muitos profissionais são envolvidos para lidar com as dificuldades dos estudantes. Quando se refere ao Orientador Educacional diz; “presta serviços na medida em que emergem as necessidades”. O atendimento individual ao estudante, assim como os momentos coletivos tem se caracterizado como uma ação de grande relevância na função exercida pelo referido profissional no cotidiano com o objetivo de contribuir com rendimento escolar dos estudantes.

Mantovanini (2001), quando se refere ao papel que a escola precisa desempenhar, [REVISTA PROJEÇÃO E DOCÊNCIA] Revista Projeção e Docência | vol. 3 | nº 29 fala da necessidade de conscientizar os professores para o processo pedagógico, no qual estão presentes três elementos, todos com a mesma importância para o sucesso da aprendizagem: o professor, o conteúdo e o sujeito que aprende. Se o aluno não aprende, os outros dois também falharam neste processo. Precisamos acreditar que todos os casos de aprendizagem são passíveis de solução e que não há caso perdido.

Cabe aos gestores acompanharem e proporcionarem de perto o desenvolvimento integral dos educandos, buscando promover por um lado às conquistas individuais e coletivas e por outro lado, trabalhar com o conhecimento das diferenças individuais e o respeito por elas por meio de discussões, reflexões, interação com a família, comunidade, corpo docente e os demais no processo educativo (MANTOVANINI, 2001).

Desse modo, analisando o que a professora da turma do segundo ano apontou, faltou uma ação necessária, que é a parceria com a família, pois essa atitude é muito importante para criar alianças entre essas duas instituições (escola e família) que, se trabalharem em conjunto, podem obter resultados muito mais satisfatórios do que separadas.

O processo educacional é um grande desafio que envolve os profissionais da educação, as famílias dos alunos e a comunidade em toda sua amplitude, enquanto colaboradora na compreensão e aplicação do código ético que rege as vidas dos seres humanos.

Contudo, frente à problemática do baixo rendimento escolar dos estudantes do Ensino Fundamental, sugere-se que o professor utilize de todos os métodos e técnicas disponíveis para entender as situações que provocam esses resultados e agir com ações eficazes de prevenção, visando combater o insucesso dos estudantes. O diálogo é fundamental uma vez que se constatou que o baixo rendimento escolar é fruto da falta de participação dos pais nas tarefas escolares, exigindo um olhar amplo e integrado e uma comunicação assertiva com os responsáveis para um desempenho melhor das crianças.

#### 4 CONCLUSÃO

O presente trabalho mostrou a dificuldade dos professores em conseguir que as famílias cooperem em casa, toda criança precisa do apoio tanto da escola quanto da família, e quando um dos pilares falha, é notável que o rendimento escolar desse aluno piora. O ECA tem um papel inigualável dentro da sociedade, garantindo para cada criança seus direitos dentro da lei, para crescer de forma segura. Outro ponto de destaque é a rotina, os autores citados enfatizam como é fundamental que as escolas tenham rotina, para ajudar no desenvolvimento de cada aluno.

A sociedade atual está acostumada com um imediatismo sem limites, e assim crescem as crianças, talvez seja a hora de parar, e observar como profissionais quais erros estão sendo cometidos, já que a maioria das crianças crescem sendo consumistas, com ausência de sentimentos para com o outro e isso é preocupante, em dez, vinte, trinta anos isso pode ser catastrófico.

## REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. L. de A. História da Educação. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- BELTRÃO, T. O Estatuto vai à escola. Disponível em <http://www.promenino.org.br>.
- O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – criado pela Lei n. 8.069, de 13/07/1990
- CARRAHER, T. N; SCHLIEMANN, A. L. D. Cultura, escola, ideologia e cognições: continuando um debate. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 57, pp. 78-85, maio, 1982.
- FERNANDES, A. O saber em jogo. Porto Alegre: Artmed, 2001. FERNANDEZ, A. A inteligência aprisionada: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- FERREIRA, N. S. C. A gestão enquanto instrumento para a construção e qualificação da educação. Disponível em: . Acesso em: 07 jul. 2008. FONSECA, V. Introdução às dificuldades de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática docente. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- LUCK, H. et al. A escola participativa o trabalho do gestor escolar. Petrópolis: Vozes, 2005. MANTOAN, M. T. E. Compreendendo a Deficiência Mental: novos caminhos educacionais. São Paulo: Scipione, 1988. Dezembro 2012 [REVISTA PROJEÇÃO E DOCÊNCIA] Revista Projeção e Docência | vol. 3 | nº 2 19
- MANTOVANINI, M. C. Professores e alunos problemas: um círculo vicioso. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- MEIRA, M. E. M. Psicologia Escolar: pensamento crítico e práticas profissionais. Tese de Doutorado em Psicologia. São Paulo: Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia, 1997. MEIRA, M. E. M; ANTUNES, M. A. M. Construindo uma concepção crítica de Psicologia Escolar: contribuições da pedagogia histórico-crítica e da psicologia sócio-histórica. In: MEIRA, M. E. M; ANTUNES, M. A. M. Psicologia escolar: teorias críticas. São Paulo: Casa do Psicólogo: 2003.
- PARO, V. H. Por que os professores reprovam: resultados preliminares de uma pesquisa. Rio Comprido: v. 8, n. 28, pp. 273-282, jul./set. 2000. PARO, V. H. Qualidade do ensino: a contribuição dos pais. [s.l.]: Xamã. 1999. PATO, M. H. S. A produção do fracasso escolar. São Paulo: T.A. Queiroz, 1996.

PEREZ, M. C. A. Infância, família e escola: práticas educativas e seus efeitos no desempenho escolar de crianças das camadas populares. São Paulo: Suprema, 2009.

VYGOTSKY, L. S. S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.